

DANDO NOME AO ELEFANTE: A RETÓRICA DA ECONOMIA DE DEIRDRE N. MCCLOSKEY SOB A ÓTICA DE BRUNO LATOUR*

(Área 1 - História do Pensamento Econômico e Metodologia)

Mayara Silva Sousa Pires (UFABC) ♦

Ramón García Fernández (UFABC) ♣

Resumo: Este trabalho tem como objetivo tentar entender o que está por trás da prática científica dentro do campo da economia – partindo do reconhecimento de que a retórica é imprescindível à própria ciência. Resgatando os debates de Deirdre N. McCloskey e entendendo que seu ponto de partida é uma ciência cujos debates devem ser primordialmente honestos, entendemos que pouco se discutiu sobre a falta ou ausência desta honestidade. Isto é, entende-se aqui que McCloskey vive um ideal de ciência e que outros pensadores deveriam ser adicionados ao debate para melhor entender as reais atividades do campo. Neste sentido, adotamos a ótica de Bruno Latour com a motivação de ler as abordagens de McCloskey através de suas lentes. A Latour, portanto, é creditado o *status* de pensador das relações maliciosas da ciência – ou seja, das suas relações mais realistas – mostrando que existem forças por trás de sua prática na economia. Assim, este trabalho transita de uma perspectiva mccloskeyana de um diálogo bondoso e honesto, para revisitar o elefante na sala, através de uma perspectiva latourniana de um diálogo malicioso e persuasivo. A conclusão final desta análise é a compreensão de que por trás da ciência existem relações de poder que estimulam sua produção e prática, fazendo com que exércitos mais poderosos se imponham sob exércitos mais fracos, transformando suas verdades em fatos e tornando as demais ficção. Ou seja, ao fim deste estudo adicionamos um novo debate à ciência através da retórica: o estímulo da ciência econômica em função das relações de poder.

Palavras-chave: Metodologia da Economia; Retórica da Economia; Assimetrias de Poder; Deirdre N. McCloskey; Bruno Latour.

Abstract: This work aims to understand what is behind scientific practice within economics' field – starting from the recognition that rhetoric is essential to science itself. Rescuing the debates of Deirdre N. McCloskey and understanding that her starting point is a science whose debates must be primarily honest, we understand that little has been discussed about the lack or absence of this honesty. That is, we understood here that McCloskey lives an ideal of science and, for this reason, other thinkers should be added to the debate helping us to better understand the real activities of the field. In this sense, we adopted Bruno Latour's perspective intending to read McCloskey's approaches through his lenses. To Latour, therefore, is credited the status of malicious' thinker of the science's relations – that is, of its most realistic relations – showing that there are forces behind economy's practice. Thus, this work moves from a mccloskeyan perspective of a kind and honest dialogue, to revisit the elephant in the room, through a latournian perspective of a malicious and persuasive dialogue. The final conclusion of this analysis is the understanding that there are power's relations behind scientific activities, stimulating its production and practice, imposing more powerful armies over the weaker ones transforming their truths into facts and making all others fiction. In other words, at the end of this study we add a new debate to science through rhetoric: the stimulus of economic science in terms of power relations.

Keywords: Economic Methodology; Rhetoric of Economics; Power Asymmetries; Deirdre N. McCloskey; Bruno Latour.

Código JEL: B41.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

♦ Estudante de Pós-Graduação em Economia na Universidade Federal do ABC, Brasil. E-mail: mayara.pires@ufabc.edu.br

* Docente e Coordenador da Pós-Graduação em Economia na Universidade Federal do ABC, Brasil. E-mail: ramon.fernandez@ufabc.edu.br

1. Uma breve introdução ao debate retórico

“*Science is human persuasion all the way down.*” (McCloskey, 1989, p. 61).
“*The alternative to rhetoric is catatonic silence (...) To repeat: everybody uses rhetoric.*”
(McCloskey, 1994a, p. xiv).

A economia faz parte do grupo das ciências nas quais grande parte das conversas entre seus estudiosos são contadas através de histórias.¹ Sejam palavras ou números, suas ferramentas de conversação são mais ou menos entendidas como figuras de linguagem, o que a transforma não apenas em uma ciência de fácil compreensão mas, principalmente, de fácil persuasão (McCloskey, 1998a). *Retórica* é o nome da disciplina que explora o entendimento dessas dimensões literárias do campo. Como vemos em Alan Gross (2006), porém, a retórica não é uma especificidade da ciência econômica. Na verdade, toda a ciência é retórica.

Nascida no berço do grego clássico, ou desde que a chama grega foi acesa (McCloskey, 1998, p. xix), através dos trabalhos dos filósofos sofistas (como Protágoras, Górgias e Sócrates), e sistematizada por Aristóteles, a retórica foi preterida pela defesa do racionalismo absoluto a partir de meados do século XVI, até meados do século XX, com o surgimento dos trabalhos da dogmática jurídica de Chaïm Perelman, dos trabalhos do químico Michael Polanyi e das críticas literárias de Wayne Booth (McCloskey, 1983), o que, segundo Mäki (1995), representava a primeira geração da chamada “*New Rhetoric*” – além de outros trabalhos, associados a corrente hermenêutica, que também foram desenvolvidos através de Jürgen Habermas e Richard Rorty.² Neste cenário, tornou-se cada vez mais difícil separar a filosofia da ciência de sua história, criando vínculos com outros campos e áreas, como a própria sociologia da ciência, o que levou ao ressurgimento dos debates sobre a retórica e sua nova postura frente ao estudo da argumentação.³

Desta nova guinada da retórica e, conseqüentemente, da sua nova atitude frente às ciências, é que nascem as muitas *retóricas de*, por isso é adequado falar em termos gerais de uma *retórica das ciências*.⁴ Assim, é deste contexto que, apenas por volta de 1980, através de Deirdre McCloskey – tanto com sua participação no POROI (“*Project on Rhetoric of Inquiry*”) na University of Iowa, quanto com a publicação do trabalho “*The Rhetoric of Economics*” em 1983 –, que a chamada “conversa sobre a conversa” tem início no campo da ciência econômica. Seu objetivo era entender como ocorriam as comunicações entre os cientistas e o seu campo de atuação, através dos diversos meios de argumentação, ultrapassando os limites do silogismo e da mensuração (McCloskey, 1994a; 1988a), mostrando aos pensadores econômicos que eles, apesar de se considerarem mais ou menos parecidos com os matemáticos, utilizavam formas de linguagem muito semelhantes aos poetas, literários e pregadores. A expressão formal escrita, portanto, já não era suficiente para a ciência econômica (McCloskey, 1989). Os economistas talvez fossem tanto lógicos quanto literários (McCloskey, 1990), persuadindo sua audiência através da expressão artística (McCloskey, 1988).⁵

¹ Conforme McCloskey (1990, p. 2, grifo nosso), os economistas contam e recontam muitas histórias: “*Once upon a time the economy seemed to be doing fine but had a secret monetary illness, then the illness broke out, and therefore everyone became poor. (...) [Or] Once upon a time there was a hog market out of equilibrium, then the sellers lowered the price, and as a result the market got back into equilibrium.*”

² Com o surgimento destas correntes de transformação rompeu-se no campo da filosofia com o forte consenso em torno do positivismo e das ideias sobre como deveria ser o trabalho correto do cientista, caminhando assim, de modo contrário, em favor da busca e compreensão do que constitui boa ciência a partir da observação da real prática de sua atividade (Fernández; Pessali, 2012). Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Paul Feyerabend são alguns dos principais estimuladores dessas mudanças.

³ Nossa intenção aqui não é aprofundar o debate à respeito da história e origem da retórica, trabalho que outros autores já fizeram de maneira muito mais competente. Neste estudo, desejamos apenas situar o leitor sobre sua origem, preparando-o para os debates que seguirão.

⁴ Primeiro nas ciências humanas, como a sociologia, a antropologia e a economia, e depois nas demais ciências, como a física e a biologia e inclusive nas ciências formais, como a matemática.

⁵ De acordo com McCloskey (1989, p. 59), as formalizações poderiam ser facilmente reduzidas, por exemplo, à matemática, o que agradaria aos platonistas, mas formalidades fáceis produzem apenas ciências ruins. Compreendemos que a única forma da ciência descobrir seus equívocos é expondo-se a críticas. Visões mais formalistas tendem a justificar suas hipóteses por meio do usufruto da força e da influência sobre as demais, esquivando-se de opiniões que sejam contrárias. Quando não se está na situação ideal do discurso, relações de poder tendem a emergir e isto contribui negativamente para o desenvolvimento da ciência. Quanto mais democrática uma ciência, menor será sua formalidade, maior sua pluralidade de ideias e debates e, portanto, maior a flexibilidade do uso da retórica como instrumento de defesa de argumentos – o oposto do que

Ao afirmar portanto que “[i]t’s time for them to wake up and get serious about their scientific rhetoric”, McCloskey (1998, p. xxi, grifo nosso) quer ajudar os economistas a pensarem sobre como conversam e produzem ciência, impulsionando o crescimento e amadurecimento do próprio campo e evidenciando a dicotomia em relação à metodologia praticada e a falada.⁶ Nossa motivação neste trabalho, portanto, é o pontapé inicial de McCloskey: fazemos através da retórica um novo convite à uma conversação civilizada (Aldrighi; Salviano Jr., 1996, p. 81; Fernández, 1999).

Para abarcarmos os pontos necessários à elucidação destas discussões, empregamos a ótica retórica de Bruno Latour, analisando-a sob a perspectiva das relações de poder, na qual argumentações eficientes dão lugar a argumentações convincentes, impostas pela força de grandes exércitos, arregimentados em milhares de pesquisadores e ganhadores do prêmio Nobel. Considerando a importância de Deirdre McCloskey à introdução do pensamento retórico na ciência econômica, avançaremos as propostas de suas polêmicas afirmações, contrastando-as com a ótica de Latour. Em outras palavras, faremos o exercício de explorar a leitura da abordagem retórica de McCloskey através da ótica de Latour.

Ora, que existe um elefante na sala nós já sabemos. Sabíamos que ele já transitava por outros prédios, em outras ciências, e McCloskey o trouxe para o debate no prédio da economia assim que introduziu a retórica no campo.⁷ Alguns ao vê-lo, inclusive, saíram rapidamente na direção contrária, assustados, porém fingindo que não o tinham visto; outros estavam mais interessados em suas próprias conversas e pesquisas e, por isso, pouca atenção deram ao elefante. Tiveram aqueles que ficaram animados com a sua presença durante um longo período, conversando, trocando ideias e debatendo a retórica. Em verdade, as reações à presença dele foram as mais diversas.⁸ Mas, depois de certo tempo, o debate entre os que ficaram na sala esfriou. Talvez o barulho nas outras salas do prédio fosse mais alto, mais interessante, chamando a atenção dos debatedores, fazendo com que resolvessem sair para frequentar outros ambientes e debater outros assuntos. Parece-nos que o elefante ficou sozinho naquele cômodo, esquecido e solitário.

Neste trabalho, portanto, reentramos na sala em que o elefante está, guiados por Deirdre McCloskey, levando conosco um novo debatedor: Bruno Latour. Deste modo, não reconhecemos apenas a existência de um elefante na sala, mas avançamos o debate a seu respeito adotando-o como novo integrante do campo, com o objetivo de levar novos debatedores ao seu encontro. Assim, desejamos ir além do simples diálogo com o elefante: queremos dar-lhe um nome – e para isso, unir as óticas de McCloskey e Latour será fundamental.

Para este fim, em termos de estrutura, este estudo será dividido em seis tópicos. Encerramos o primeiro com o término desta breve introdução. Na segunda e terceira parte, apresentamos os elementos que compõem a compreensão da retórica da ciência através das óticas mccloskeyanas e latournianas, respectivamente. No quarto tópico, explora-se a convergência das ideias de McCloskey e Latour. No quinto são apresentados

aconteceu com a retórica clássica, o chamado vício cartesiano de Mirowski (1988). No caso da economia, a construção de uma visão mais própria à retórica coopera para a especificação e construção de um paradigma no campo.

⁶ Ora, a linguagem é um instrumento essencial e a economia, assim como a geologia, a história ou a biologia evolucionária, são ciências históricas e não meramente preditivas. Além de serem preditores ruins (McCloskey, 1986, p. 67) – afinal, se um economista agricultor, por exemplo, pudesse prever bem o preço do milho, digamos, melhor que o mercado de futuros, ele seria rico e não é isso o que acontece (McCloskey, 1988c, p. 395) – os fundamentos contra as estatísticas da história se apoiam em fundamentos frágeis. Os melhores economistas devem ser cientistas sociais e aplicados (McCloskey, 1976). Em outras palavras, McCloskey acredita que se os economistas precisam de um irmão mais velho para admirar, não deveria ser a física. Eles se parecem antes muito mais com os geólogos ou os paleontólogos (1986, p. 68) – “*economists are poets / But don’t know it. Economists are storytellers without a clue (...) are philosophers who don’t study philosophy (...) are scientists who don’t know even now that their science has become a boy’s game in a sandbox.*” (McCloskey, 1994a, p. 52; 1998, p. xiv, grifo nosso).

⁷ Segundo Paulani (2006, p. 3), há um texto inaugural sobre este assunto que antecederia a produção de McCloskey no campo, produzido por Willie Henderson em 1982. Mas, de modo geral, entende-se que a real popularização do debate entre retórica e economia só ocorre de fato a partir dos textos de McCloskey. Como McCloskey mesma pontua, “*The word “rhetoric” is more common in economics than before I wrote (...) [actually] the word is more common everywhere, because we are seeing a revival of classical rhetoric.*” (1998, p. xiii, grifo nosso)

⁸ A presença do elefante na sala, a popularidade das ideias mccloskeyanas, e o próprio debate sobre a retórica na teoria econômica, geraram entusiasmo entre alguns autores pelo mundo afora, como Klamer (1983; 1990), Caldwell e Coats (1984), Mirowski (1988), Coats (1988), Mäki (1988; 1993), Rosenberg (1988), Galbraith (1988), Hands (1993), Milberg (1996), e no Brasil através dos trabalhos de Rego (1989; 1990), Aldrighi e Salviano Jr. (1990), Prado (1991), Paulani (1992), Prado Jr. e Cass (1993), Anuatti (1996), Bianchi e Salviano Jr. (1999), Bianchi (2002), Gala (2003). Como McCloskey certamente sabe, a vida não é tão fácil assim (McCloskey, 1983, p. 513; 1998, p. 186), e também houveram algumas desavenças na sala através de Bruce Caldwell e A. W. Coats (1984, p. 576), Uskali Mäki (1995), Leda Paulani (1996), Aldrighi e Salviano Jr. (1996, p. 90) e Prado Jr. e Cass (1996).

argumentos que avançam a discussão para além das ideias deles. Por fim, o último tópico encerra o debate com uma breve conclusão das discussões propostas no trabalho.

2. A retórica mccloskeyana

Depois de passadas algumas décadas, não apenas por sua escrita provocativa e alegremente anárquica ou por suas frases bombásticas (Prado Jr.; Cass, 1996; Paulani, 2006), os debates retóricos iniciados por Deirdre McCloskey ainda repercutem uma busca pelo entendimento do processo de comunicação na ciência econômica – o porquê de algumas conversas funcionarem e outras não (McCloskey, 1994a, p. 37). Seja pelos questionamentos envolvendo o emprego da literatura e da arte no trabalho do economista, seja pela descrença de alguns quanto a busca de McCloskey pela verdade, os textos da *titia* Deirdre, como se auto intitula em algumas de suas obras (McCloskey, 1985; 1997), são fontes de ideias que devem ter um lugar de destaque na compreensão da atividade científica no campo (Paulani, 1996). Longe de ter se precipitado e jogado o bebê junto com a água do banho, (Prado Jr.; Cass, 1996, p. 118), a busca de McCloskey por mostrar a incompatibilidade existente entre o trabalho que o economista executa e sua justificativa epistemológica e metodológica, nos convida a questionar nossa forma de leitura e compreensão da economia e, assim, a nos questionarmos tanto sobre a sua condução e liberdade de produção, quanto sobre a própria ciência em si. À McCloskey, portanto, creditamos o *status* e a responsabilidade pela agitação no campo: o entendimento de que a ciência econômica talvez tivesse uma maior semelhança com uma caracterização mais real e concreta dos indivíduos do que aquela proposta pela metodologia em vigor – isto é, que talvez a ciência econômica fosse mais semelhante à figura da Madame Bovary do que a do *homo economicus* (McCloskey, 1988, p. 31).

De acordo com McCloskey (1994a, p.35), a expansão do conhecimento deve implicar necessariamente em comunicação conjunta e colaborativa, e não em visões individuais. Na economia, por exemplo, uma frase pode ter diferentes sentidos econômicos a depender da forma e da linguagem a qual ela é expressa e imposta. Ou seja, um Marxista, um Austríaco, um Keynesiano, um Neoclássico ou um Institucionalista podem entender de maneiras diferentes um mesmo assunto – o que explica as variações de ânimo e interpretação dentro do campo. Assim, na perspectiva de McCloskey, a economia necessitava estar envolta sob uma teoria que tivesse a capacidade de unir a lógica da argumentação com a arte da argumentação. Era necessário, então, resgatar um instrumento a muito esquecido: era necessário resgatar a retórica – não a sobra do argumento após o emprego da lógica e da evidência, mas a sua totalidade, isto é, toda a arte envolvida por trás do argumento, do silogismo ao desdém, da metáfora à matemática (McCloskey, 1994a; 1987b).

A retórica, portanto, era o instrumento capaz de enxergar uma metáfora como o mercado, por exemplo, através das lentes das figuras de linguagem já que entenderia que a argumentação na ciência e, por consequência, na economia, é capaz de compartilhar de características muito semelhantes às argumentações desenvolvidas no campo da poesia e da literatura. Se, assim como afirma McCloskey (1994a, p. 48), todas as conversas são retóricas, até mesmo os Neoclássicos, Institucionalistas, Marxistas, Keynesianos ou Austríacos estariam sujeitos ao seu uso – a metáfora, por exemplo, tem disciplinado positivamente as conversas entre os economistas neoclássicos ao longo de todos esses anos. Deste modo, o questionamento não era saber se os economistas escreviam ou não retoricamente, mas saber se reconheciam ou não a retórica escolhida (McCloskey, 1994a, p. 126), isto é, se conversavam com o elefante ou fingiam não o ver.⁹

Nosso entendimento, portanto, é convergente ao de McCloskey (1983), isto é, que a prática metodológica dos economistas difere da sua teoria. Em outras palavras, eles utilizam em seu dia-a-dia uma retórica que diverge da retórica dita como oficial, ou seja, eles dizem acreditar em uma coisa mas fazem outra completamente diferente – “(...) [*the fact that*] *economists believe themselves to be modernists does not mean*

⁹ Tanto em seu artigo de 1983 quanto no último capítulo do livro de 1998, McCloskey, respectivamente, inicia e finaliza seus textos com o que entendemos ser uma advertência, um choque de realidade para os economistas a respeito de sua prática científica. O fato dos economistas nem sempre seguirem as metodologias que dizem acreditar dificulta que se tornem mais conscientes de sua própria retórica e faz com que tenham mais dificuldade de aceitar argumentos que destoem de suas bases metodológicas. É importante notar, que não temos aqui a intenção de desmembrar o já extensamente debatido caminho de McCloskey à retórica, nosso intuito é, novamente, apenas situar os leitores para caminharmos às finalidades deste estudo.

that in their actual scholarly practices they are; the jokes they tell one another about the work they do, for instance, make any such assumption dubious.” (McCloskey, 1984, p. 101, grifo nosso).

O método moderno, ou simplesmente modernista, conforme Wayne Booth (vide McCloskey, 1983), é o que se entende como a retórica-oficial dos economistas – “(...) *the chocolate-ice-cream theory, (...) that opinions about morality are mere preferences, like an uncriticizable preference for chocolate ice cream.*” (McCloskey, 1988; 1994a, p. 96). Usualmente associado a escola de Chicago¹⁰, o modernismo é responsável por ver a ciência como axiomática e matemática, ou seja, separada de valores, formas, beleza, bondade e outras coisas que considere imensuráveis – baseando-se apenas nos fundamentos da objetividade, da estética, da análise positiva em oposição a normativa, da previsibilidade, das implicações observáveis e das justificativas dissociadas da metafísica. Isto é, considera a ciência plenamente dissociada da impureza do irracionalismo, em defesa do postulado de que a mente não existe efetivamente – “(...) *a modernist who examines his mind when getting dressed in the morning and assumes the existence of other minds when driving to work claims to deny both as soon as he flicks on the lights at his laboratory.*”; ou ainda, “*On the job he no longer believes he has a headache when his head hurts, or that his son is sad when he cries.*” (McCloskey, 1998, p. 27).

Para McCloskey, além de ser impossível por afirmar fornecer um conhecimento livre de dúvidas e de convicções pessoais (1998, p. 152), o modernismo não serve como método para a ciência porque promete contribuir com um conhecimento completo, mas tudo o que alcança é apenas um simples modelo metodológico a ser seguido, que impede o avanço da ciência. Segundo McCloskey, apesar de já ter tido seus tempos de glória, hoje há muito mais a se perder do que a se ganhar com a manutenção do modernismo: “(...) *was worth trying. But it didn't work (...) is is time to stop.*” (1998, p. 183), “(...) *the literal application of modernist methodology cannot give a useful economics [at all].*” (1983, p. 488, grifo nosso). Por este motivo é que o estrito positivismo lógico e alguns de seus outros fundamentos, como a falsificação (McCloskey, 1983), deveriam estar mortos.

Ora, se entendemos que a metodologia da economia é exagerada e supervalorizada, a alternativa ao modernismo seria, portanto, o irracionalismo? Será que os bárbaros estão nos portões? (McCloskey, 1998).¹¹

De acordo com McCloskey, o que diferencia um discurso bom de um discurso ruim não é a adoção deslumbrada de um método específico, mas a sinceridade com que se pretende contribuir para a conversa. Assim, a maneira de desconectar a ciência desse embaraço modernista é reconectá-la ao fio da retórica, que lida de forma mais direta com a sinceridade da conversa. Neste sentido, McCloskey (1983; 1998) entende que a economia tende a se parecer menos com a imagem da ciência do homem na rua, e mais com a ciência política, a literatura e o direito. A retórica que os economistas adotam diariamente em seus discursos, portanto, é vista como a retórica-não-oficial – que, obscurecida pela retórica-oficial, ainda recebe pouca atenção dos pesquisadores.¹² Por não ser abertamente reconhecida e analisada, essa retórica-não-oficial é por vezes

¹⁰ Apesar de não ser mais uma *Chicago Girl*, McCloskey não defende o dogmatismo anti-Chicago difundido entre alguns economistas (mesmo que antes o tenha). Acredita que a escola de Chicago é apenas um dos exemplos dogmáticos existentes na ciência econômica, expressa em seu imperativo metodológico. Ou seja, o resto não é muito melhor do que a escola de Chicago, com seu *Chicago Card* (McCloskey, 1983; 1994a, p. 350, 362).

¹¹ A descrição completa das proposições modernistas pode ser vista em McCloskey (1983, p. 484-485; 1998, p. 143-144) mas, de modo geral, é importante notar que a crítica de McCloskey ao modernismo vai além dos seus próprios limites. Em verdade, qualquer método para McCloskey carrega arrogância e pretensão. Isto é, a objeção primeira ao modernismo é o fato de ser, antes de tudo, um método – regrado, pensado para não ter intervenções e mudanças (McCloskey, 1998). Na economia o metodólogo não é apenas considerado um rei em seu poderoso castelo, mas é também elevado a um *status* ainda mais perigoso (se é possível): o *status* de semideus, com inesgotável sabedoria e conhecimento em todas as áreas econômicas, dono da verdade absoluta – “[*m]ost defenses of Methodology get whatever force they have by stealing prestige from Sprachetik or utility from method.*” (McCloskey, 1984, p. 104, grifo nosso). É importante crer que o criador das regras tem nobres intenções mas, como diz o ditado, o fim nunca justifica os meios: boas intenções não justificam resultados ruins (McCloskey, 1998, p. 156). O metodólogo e o método se tornam inibidores do crescimento e avanço da ciência, e o necessário à economia é uma nutrição intelectual, não uma torta epistemológica no céu (McCloskey, 1998, p. 158-159). Ainda de acordo com McCloskey (1983), poucos são os filósofos ou biólogos, por exemplo, que ainda acreditam nas proposições modernistas, simplesmente porque não encaixa. Os modernistas, segundo McCloskey, definiram a ciência do modo que lhes foi mais conveniente – transformando-a num cientificismo positivista acompanhado de um sacerdócio (McCloskey, 1994a, p. 58). Para McCloskey, parece que os economistas tem receio de afrouxar essa formalização no campo, acreditando que a economia é importante demais para ser deixada a mercê de ideias que não tenham fórmulas comprovadas, o que vem desde a II G.M. Assim, para McCloskey, a economia pode fazer muito mais do que separar o pensamento da emoção ou das ciências das humanidades (McCloskey, 1994a). O próprio keynesianismo é prova disso.

¹² Para McCloskey os economistas poderiam fazer muito mais se dedicassem tempo para olhar seus argumentos ou se conseguissem, por exemplo, explicar o motivo de concordarem ou discordarem de determinada ideia – ao invés de se apoiarem na noção de que a teoria é suficiente para explicar

maliciosa, servindo a princípios não tão honestos. Para McCloskey (1983, p. 494), os economistas possuem um conjunto de convicções não analisadas que determinam como e quais argumentos se tornam mais fortes, e é através dos elementos desse conjunto que a validade da retórica-oficial é constrangida.¹³

No fundo, o que McCloskey nos mostra é que o emprego da retórica-oficial na economia é duvidoso, e por isso é necessário explorar a forma como os cientistas econômicos realmente argumentam através da retórica-não-oficial – que, conseqüentemente, é também mais próxima da representação literária da economia. Assim, abandonar a retórica modernista não quer dizer abandonar os dados, a precisão ou mesmo a matemática mas, simplesmente, abrir-se “oficialmente” aos demais tipos de discursos (McCloskey, 1998).

Entendemos através de McCloskey (1983) que o idioma e o discurso que os economistas usam em suas atividades tem mais a ver com a metáfora, e a ele é atribuído uma alta capacidade de persuasão.¹⁴ Em outras palavras, cada passo do raciocínio econômico, inclusive o raciocínio da retórica-oficial, é metafórico (McCloskey, 1998). Dizer, por exemplo, que existe uma “curva” que representa as preferências de Pedro é tão metáfora quanto dizer que “Pedro está com uma fome de leão”. O mesmo vale para outras ideias como a *teoria dos jogos*, a *elasticidade das curvas*, o *ponto de equilíbrio da função* ou *os custos de oportunidade*. Assim, apesar de os críticos literários advindos desde Aristóteles até a década de 1930 verem a metáfora apenas como um ornamento, o uso das metáforas na economia vai muito além de meros aparatos decorativos. As metáforas constituem o que pode ser chamado de poética econômica, ou seja, “*what is successful in economic metaphor is what is successful in poetry (...) analyzable in similar term.*” (McCloskey, 1983, p. 504). Por isso, é fácil concluir que a construção do discurso econômico não está assim tão distante do discurso poético ou romântico de autores de outros campos, como William Shakespeare, por exemplo. Compreender isso envolve o entendimento de que definir a economia como literária não é no sentido da caracterização modernista (de que ela talvez seja *mero* humanismo por seu fracasso enquanto ciência), mas da aceitação de que toda a ciência é humanista porque é voltada *para* e feita *por* seres humanos (McCloskey, 1984, p. 100).¹⁵

Para McCloskey (1998, p.15, grifo nosso), portanto, nenhum economista poderia falar sem a presença das metáforas – “[e]conomists make more appeals to their audience than simply their appeals to *The Facts or The Logic*, though facts and logic (...) figure in from time to time as well” – isto porque, quanto mais austera a ciência e o assunto, mais fantasiosa ela tende a se tornar e, por conseqüência, mais alegórica (a exemplo do leiloeiro *walrasiano*, da *mão invisível* ou da *regra de ouro do mercado*). A metáfora e, por assim dizer, também a retórica, é mais do que um meio de efetivar uma verdade. A retórica cria as suas próprias verdades – a história econômica, por exemplo, depende da retórica e, por isso, precisa utilizar o apelo lógico dela em função da audiência que deseja reter, do mesmo modo que a história comum (McCloskey, 1990, p. 56; 1998).

Deste modo, apesar dos metodólogos modernos constantemente acusarem de irracionalismo qualquer prática científica que exija um raciocínio distante de suas regras epistemológicas, a *alternativa ao modernismo não é o irracionalismo* – e entender isso é fundamental. O convite a retórica não é um convite a uma linguagem floreada, despreocupada e descuidada com suas análises. Conforme vemos em McCloskey, “(...) [a] *good rhetorician loves care, precision, explicitness, and economy in argument as much as the next person*” (1998,

suas decisões. McCloskey mostra que a ciência econômica é, por vezes, vista como uma ciência pessoal – ao falar sobre a matemática os economistas usam o pronome “nós”, mas ao falar sobre a economia eles usam “eu” (1998, p. 36).

¹³ Um exemplo seria o que McCloskey chama de cinismo por parte dos estatísticos puritanos, que apoiam e aprovam apenas a publicação dos resultados que consideram significativos, como se temessem que em cinco por cento de significância algo pudesse ser bem sucedido. Além de suas escolhas serem completamente arbitrárias, McCloskey (1983) argumenta que não há comprovação de que no intervalo de confiança escolhido haveria confirmação ou negação das hipóteses definidas – ou seja, trata-se de uma escolha completamente subjetiva.

¹⁴ A metáfora, para McCloskey (1998) é o principal exemplo da retórica econômica. Em nosso estudo, elas serão apresentadas como sinônimos.

¹⁵ De acordo com McCloskey (1994a, p. 61), ciências como a química, a história e a economia, por exemplo, necessitam que métodos humanistas estejam bem no meio da sua ciência. A retórica e, conseqüentemente, a metáfora, devolvem ao campo um importante questionamento sobre a divisão entre raciocínio científico e humanístico, não para ataca-lo devido a ao uso da quantificação ou o induzir à racionalidade científica, mas para tornar a conversa e a própria ciência mais conscientes de si mesmas – isto é, mais rigorosas e não o contrário (McCloskey, 1987a, p. 174). A metáfora, portanto, é essencial até mesmo para o pensamento econômico mais formal, manifestando tanto a autoridade da ciência quanto suas reivindicações por neutralidade ética: ao mesmo tempo que os economistas e suas teorias econômicas parecem tão isoladas do restante da civilização, a presença da metáfora e dos outros instrumentos retóricos nos evidencia exatamente o contrário, que os economistas estão menos distantes das inquietações do meio social do que aparentam. Desenvolver uma autoconsciência a respeito disso, conforme McCloskey (1983), é fundamental por ser um meio de promover melhorias significativas à ciência.

p. 168, grifo nosso), ou seja, a retórica é a busca por um construtivismo e não o contrário. Ela é um convite a negação do absurdíssimo da irracionalidade de alguns argumentos ditos artificiais, em favor de um estímulo contrário, isto é, ela oferece um convite à racionalidade da argumentação comum, desenvolvida cotidianamente entre os seres humanos (McCloskey, 1983; Gross, 2006). Por isso, para McCloskey, deve-se entender que a retórica não lida diretamente com a verdade, mas sim com a conversação. Ela expõe a riqueza e a complexidade do argumento econômico que a maioria dos economistas, mesmo reconhecendo, não aborda abertamente; ela mostra que a objetividade da economia é exagerada e superestimada (McCloskey, 1998).

A retórica, portanto, combina com o antimodernismo. Quer dizer, ela não é a metodologia, mas sim a antimetodologia. Ela mostra, conforme McCloskey (1998, p. 184), o que realmente fazemos, como fazemos, e porquê fazemos – o que não impede, porém, que alguns pesquisadores de bases epistemológicas diferentes se preocupem quanto à adoção e incorporação da retórica à economia, questionando-se sobre a necessidade de um controle ou de uma fiscalização que assegure que a ciência não será abandonada aos seus inimigos, ou que suas decisões passarão a ser tomadas por puro capricho ou interesses políticos (McCloskey, 1983, p. 509).

Ora, *os bárbaros não estão nos portões*. Parece-nos que esses cientistas duvidosos à adoção da retórica da ciência ainda não a levaram tão a sério quanto deveriam, mostrando terem retrocedido dos laboratórios e bibliotecas para os quadro negros (McCloskey, 1989). A ciência e outros métodos que, aparentemente, mostravam-se epistemologicamente puros, sempre puderam ser usados para fins maliciosos, mentirosos e impuros (McCloskey, 1998, p. 170). O que a defesa da retórica mccloskeyana busca é fazer exatamente o oposto, isto é, melhorar e encorajar a boa e honesta conversa científica. Ela auxilia a economia a enfrentar os argumentos, ao invés de evitá-los ou ignorá-los por desconhecimento de sua retórica – e uma economia que é retoricamente sofisticada começa de fato a trabalhar e a produzir ciência (McCloskey, 1994a).

3. A retórica de Latour

Filósofo, sociólogo e antropólogo de nacionalidade francesa, Bruno Latour desperta nossa atenção enquanto pesquisador pelo modo descritivo com que analisa as construções da ciência.¹⁶ Formado a partir de um rigoroso classicismo jesuíta, segundo Graham Harman (2009, p. 11), sua carreira percorreu um amplo direcionamento a partir das bases tradicionais filosóficas com vestígios de um estilo literário contemporâneo, e obras fundamentadas em análises metafísicas com menção aos gregos antigos. De modo geral, por mais que ensine sociologia, Latour prefere não ser definido como um sociólogo. Mesmo que seja formado em filosofia, também não se diz um filósofo. Talvez, por seu interesse em epistemologia, o termo epistemólogo coubesse de forma um pouco mais justa, mas ele também não se incomodaria de ser chamado de historiador das ciências. Híbrido. Sim, talvez híbrido, como se autodenomina, seja sua melhor representação (Latour, 2004b, p. 397). Latour é um antropólogo da modernidade, isto é, das ciências ou da natureza, de *science studies*.¹⁷

Independente da etiqueta, Latour (1994) nos demonstra que as motivações de suas atividades científicas decorrem do desejo de superar as dificuldades que separam a compreensão dos conhecimentos exatos e o exercício do poder, das ciências e da política, da racionalidade e da irracionalidade, por exemplo. Por este motivo, suas ideias podem causar certo desconforto ao transformar o longo conflito entre *matérias físicas objetivas* e *forças sociais subjetivas* em *atores* (Harman, 2009, p. 5).¹⁸ Isto é, a ciência para Latour não parte

¹⁶ De modo geral, tomaremos a liberdade de pular algumas etapas quanto ao desenvolvimento da totalidade das ideias de Latour – que também chamaremos, afetuosamente, de *latournianas* em algumas partes deste trabalho. Isto, porque, não temos o foco ou a pretensão de fazer uma análise exegética de suas contribuições literárias neste estudo – até por também acreditarmos que outros importantes trabalhos já tenham feito isso com muito mais excelência. Interessa-nos neste estudo apenas uma abordagem mais sucinta, que nos ajude a trilhar o caminho de seu entendimento sobre a retórica da ciência e, conseqüentemente, discutir as contribuições que ajudam a compreender as outras ciências, como é o caso da economia.

¹⁷ *Science studies*: ciência, técnicas e sociedades (Latour, 1994, p. 9), isto é, “(...) híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruídos sem que o desejássemos (...)” – o que, como é possível notar em seus próprios escritos, Latour parece acreditar ser melhor do que ser apenas “mais um filósofo” que com seu trabalho árduo “(...) drink a lot of coffee and thus use in their arguments an inordinate quantity of pots, mugs, and jugs—to which, sometimes, they might add the occasional rock” (Latour, 2004a, p. 234), caso contrário, talvez Latour escrevesse muitos debates sobre copos e canecas.

¹⁸ Por um lado alguns definem Latour como mais um relativista francês interessado apenas em negar a realidade do mundo exterior; por outro, importantes pensadores seguidores de Pierre Bourdieu, por exemplo, o consideram um sucesso para o realismo clássico (Harman, 2009, p. 5).

de uma simples análise filosófica baseada em princípios ingênuos, mas da descrição e acompanhamento dos próprios objetos em ação – sejam eles humanos ou não-humanos, artificiais ou naturais, todos os objetos para Latour são *atores* e devem, por isso, ser colocados em bases analíticas iguais. Os estudos científicos, portanto, carregam a responsabilidade de acrescentar realidade à ciência e não o contrário – “*as proporções, as questões, as durações [e] os atores [podem não ser] comparáveis e, no entanto, estão todos envolvidos na mesma história.*” (Latour, 1994, p. 7) – e a melhor forma de entender essa realidade é acompanhando aquilo que fazem com mais excelência, ou seja, acompanhando a prática científica e seus detalhes reais (Latour, 2001, p. 15).¹⁹

Para Latour, porém, ao nos aproximamos dos lugares onde a ciência é criada, entramos no meio das controvérsias, isto é, quanto mais próximo, mais controversas as coisas tendem a se tornar – o mesmo cientista que sai a jusante em busca de compreensão e explicação, percebe-se saindo de controvérsias e indo ao encontro de ainda mais controvérsias.²⁰ Ou seja, Latour mostra que “(...) [ao] nos dirigirmos da vida “cotidiana” para a atividade científica, do homem comum para a ciência, dos políticos para os especialistas, não nos dirigimos do barulho para o silêncio, da paixão para a razão, do calor para o frio” (2011, p. 43, grifo nosso), mas de controvérsias, para ainda mais controvérsias: o barulho não fica menor, mas sim maior.²¹

Neste sentido, para solucionar e colocar fim a um controvérsia – ou como Latour (2011, p. 43), “ganhar um júri” – é imprescindível a utilização de um instrumento forte e decisivo: a retórica. Na perspectiva de Latour (2011), a retórica é um disciplina que, desde os tempos antigos, dedica-se a estudar e compreender o modo pelo qual as pessoas são levadas tanto a acreditar em algo quanto a se comportar de determinada maneira. Isto é, a retórica pode ser entendida como o instrumento responsável por determinar e ensinar às pessoas como elas podem persuadir umas às outras, “(...) *uma disciplina fascinante, mesmo que desdenhada, mas que se torna ainda mais importante quando os debates exacerbam a ponto de se tornarem científicos e técnicos.*” (Latour, 2011, p. 44).

Poucas são as pessoas que, segundo Latour, conseguiram penetrar as atividades internas da ciência e sobreviveram para contar o que viram aos que continuaram do lado de fora, narrando como tudo aquilo funciona – isto porque penetrá-la depois de pronta é difícil já que o caminho trilhado para sua construção não é de fácil compreensão e nem sempre está tão evidente: “(...) *o que eles fizeram está visível nas máquinas que usamos, nos livros pelos quais aprendemos (...) como fizeram, não sabemos.*” (Latour, 2011, p. 23). Em verdade, na prática, apenas uma pequena quantidade de pessoas se interessam em entender o seu processo de construção, talvez por ser menos complicado optar pelos organizados método e racionalidade científica do que pelo caótico processo de compreensão da ciência em ação – “(...) *a defesa da ciência da razão contra as pseudociências, contra a fraude e a irracionalidade mantém a maioria das pessoas ocupadas demais para estudá-la.*” (p. 24, grifo nosso).²² Ou seja, a complexidade de percorrer no tempo e espaço a ciência acabada é o que Latour chama de caixa-preta²³: abri-la só soa exequível até que se encontre o nó ou problema da questão.

¹⁹ Latour mostra que essa tentativa de acrescentar realidade à prática científica é, por vezes, vista como uma ameaça a própria ciência, um meio de reduzir-lhe a força, a verdade, ou a validade de suas premissas – isto porque a realidade depende, em grande medida, daquilo que a massa da sociedade – o que neste trabalho é entendido como maioria dominante ou hegemônica, formadora de opinião – considera como correto em determinada época (Latour, 2001, p. 20). Mostra, portanto, que um dos fatores limitantes da ciência é o próprio apelo das massas, ou em outras palavras, o medo do governo das massas é que travanca a ciência e seus estudiosos, “(...) *impedidos de regressar às encruzilhadas perdidas e tomar (...) [outros] caminhos pelo fantasma perigoso (...)*” (Latour, 2001, p. 23), detendo-os de refazer seus passos e dificultando o conhecimento e preservação tanto da sua própria história – ou seja, da história da humanidade – quanto da história da construção daquilo que chamamos de fato científico (p. 23). Afinal, conforme Latour (2001, p. 25, grifo nosso), *por que é tão importante a manutenção dessa “(...) embaraçosa posição, a despeito de todas as câibras que ela infligiu aos filósofos, ao invés de fazer o óbvio: retrair [os] passos [?] (...)*”.

²⁰ Isto é, “(...) *atos científicos são construídos, mas não podem ser reduzidos ao social, porque ele está povoado por objetivos mobilizados para construí-lo.*” (Latour, 1994, p. 12).

²¹ “(...) *when we try to reconnect scientific objects with their aura, their crown, their web of associations, when we accompany them back to their gathering, we always appear to weaken them, not to strengthen their claim to reality. I know, I know, we are acting with the best intentions in the world, we want to add reality to scientific objects, but, inevitably, through a sort of tragic bias, we seem always to be subtracting some bit from it. Like a clumsy waiter setting plates on a slanted table, every nice dish slides down and crashes on the ground.*” (Latour, 2004a, p. 237).

²² Como consequência, é comum a disseminação da chamada “*babel de disciplinas*”: economistas da inovação desdenhando sociólogos da ciência e tecnologia, cientistas cognitivos dispensando estudos sociais, por exemplo (Latour, 2011, p. 25).

²³ Segundo Latour (2011, p. 4), a expressão caixa-preta é utilizada no ramo da tecnologia, mais especificamente, em cibernética. Quando uma solução, um conjunto ou uma máquina são complexos demais é desenhada uma pequena caixa-preta no seu lugar que quer dizer que não é necessário entendê-la mas, tão somente, saber o que nela entra e o que dela sai.

Assim, através da perspectiva de Latour (2011, p. 6), podemos entender que a ciência possui dois lados a serem considerados que, semelhante a composição das duas faces de *Jano Bifronte*, são definidos como a ciência pronta (o lado esquerdo) e a ciência em construção (o lado direito).²⁴ Essa dicotomia entre os lados parte, em geral, de um complexo e enrijecido processo no qual as ideias são lançadas e transmitidas entre as pessoas até que se tornem (ou não) verdades absolutas: de uma frase solta qualquer à uma ciência pronta (Latour, 2011, p. 23). Deste modo, o destino das afirmações é diretamente dependente das sentenças que lhe são acrescentadas, que também são chamadas por Latour de modalidades, uma vez que as modificam ou qualificam, tornando as afirmação mais fato ou ficção (2011, p. 32). Se uma modalidade, por exemplo, é classificada como à *jusante*, ela é definida como uma modalidade positiva, ou seja, é responsável por afastar o enunciado de suas condições de produção e fortalecer a sentença (tornando-a mais fato); por outro lado, se for à *montante*, torna-se uma modalidade negativa e, deste modo, é responsável por aproximar o enunciado de suas condições de produção, enfraquecendo a frase original (tornando-a mais ficção).

Ora, neste sentido, podemos entender que penetrar uma ciência pronta é difícil porque ela é, na verdade, uma caixa-preta. Na etnografia científica dos estudos de Latour, ao se tornar um fato, torna-se difícil identificar todas as adições feitas a um determinado enunciado – adições essas que foram responsáveis por estabilizá-lo e lhe conferir a densidade que o tornou verdade, ou seja, que o tornou fato (Bachur, 2016). Em outras palavras, tentar penetrar essa ciência é o mesmo que tentar decifrar uma caixa-preta: ela está ali justamente para que não seja necessário entendê-la. Para compreender a ciência é preciso que a observemos, portanto, antes do fechamento das caixas-pretas. Deve-se, deste modo, seguir o passo-a-passo dos cientistas durante a construção dos fatos, como ao planejar seus modelos e fazerem suas previsões econômicas (Latour, 2011, p. 29).

Se entendemos que os recursos próprios dos indivíduos nem sempre são suficientes para abrir ou fechar uma caixa-preta, e que quanto mais eles discordam e avançam os debates, mais caixas-pretas surgem em direção as condições iniciais que produziram determinadas afirmações, conforme mais se acalorarem as controvérsias, mais os pesquisadores serão levados às proximidades dos debates técnicos – já que precisarão procurar novos recursos e ferramentas. Neste sentido, os indivíduos começam a apelar para diferentes artifícios como textos e artigos – como um meio de forçar os demais pesquisadores a acreditar na opinião que julgam ser verdadeira, ou seja, “(...) *para forçar os outros a transformar (...) opinião num fato*” (Latour, 2011, p. 44, grifo nosso). Quanto mais discordam, mais técnica e científica a discussão se torna. Para Latour (2011), porém, torná-las mais científica e técnica não é inversamente proporcional à retórica. Aprofundar-se naquele universo não significa se afastar desse – o cientificismo e a tecnicidade não significam abandonar a retórica em favor da imersão no universo da razão. Muito pelo contrário, significa que a já retórica está tão quente que são necessários novos reforços para manter sua chama acesa em meio aos debates.

Para Latour, portanto, o intuito da retórica é fazer com que quem leia se sinta isolado, isto é, sua força está em proteger o argumento contra o discordante, tornando-o de difícil compreensão e fazendo com que aqueles que dele discordem se sintam sozinhos – “(...) *como quando se protege e escora uma fortaleza: não é por prazer, mas pra evitar o saque.*” (Latour, 2011, p. 68). A transformação da prosa linear numa entrelaçada linha de defesa pode ser entendida como a mais forte evidência de que o debate se tornou científico: o discordante passa a estar tão livre quanto um rato no labirinto (Latour, 2011, p. 71).

Ora, a retórica na ótica latourniana, portanto, não é contrária a ciência e a racionalidade. Ela é, na verdade, um meio de lhes atribuir ainda mais força, de arregimentar mais pessoas em favor de determinadas opiniões, de persuadir a audiência com ainda mais excelência: quanto mais técnica, mais social ela se torna – “(...) *se trata de retórica, estratégia textual, escrita, contextualização e semiótica (...) de uma nova forma que*

²⁴ Deste modo, podemos entender a ciência como duas metades que estão sempre em conflito – fazendo barulho, falando em conjunto e dizendo coisas diferentes que não devem ser confundidas. A face esquerda é uma ciência que *já sabe*, constituindo fatos que são universalmente conhecidos e assentados, e, por este motivo, diz coisas como “*acate os fatos sem discutir!*”, “*fique sempre com a máquina mais eficiente*”, “*quando a máquina funcionar todos se convencerão*”, ou “*o que é verdade sempre se sustenta*”, por exemplo. Por outro lado, a face direita é uma ciência que *ainda não sabe* porque ainda não aconteceu, fazendo com que ela institua afirmações aparentemente precárias e ofereça conselhos como “*descarte os fatos inúteis*”, “*decida o que é eficiência*”, “*a máquina vai funcionar quando as pessoas interessadas estiverem convencidas*” ou “*quando as coisas se sustentam, elas começam a se transformar em verdade*” (Latour, 2011, p. 12-19, grifo nosso).

se conecta ao mesmo tempo à natureza das coisas e ao contexto social, sem contudo reduzir-se a uma coisa nem a outra.” (Latour, 1994, p. 10-11). A retórica da ciência é, neste sentido, um majestoso mecanismo de validação de poder e formação de exércitos, fazendo com que qualquer indivíduo que deseje dar início a uma disputa acabe sendo confrontado por um reforço de dezenas de milhares: *“Rhetoric is no longer subject to the good and the true; the good and the true are subject to rhetoric.”* (Lynch; Rivers, 2015, p. 2, grifo nosso).²⁵

Assim, ao questionarmos, por exemplo, se os economistas *“(...) são amigos ou inimigos da ciência[.]”* (Latour, 2001, p. 30, grifo nosso), é importante notar que apesar de não serem inimigos, é muito improvável que a fundamentação principal de sua amizade esteja erigida em outros alicerces que não os seus próprios interesses. Quer dizer, a retórica da ciência é o meio pelo qual seus interesses e objetivos são rapidamente alcançados, justificados e sustentados sob relações de poder. Isto é, da mesma forma como em todo bom combate deve sempre haver um vencedor, no caso da retórica latourniana, quem vence é sempre quem tem mais poder: *“(...) a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder (...)*” (Latour, 1994, p. 9).

4. As convergências de McCloskey e Latour

Através das breves reflexões desenvolvidas nos tópicos anteriores, entendemos que tanto a ousadia de Deirdre McCloskey quanto a intrepidez de Bruno Latour transparecem a retórica como um importante fio conector entre as atividades de produção e execução da ciência e, por isso, exploram através de suas abordagens os meios pelos quais estas atividades podem ser desenvolvidas sob a estrutura de um instrumental retórico evoluído – seja avançando o conhecimento, seja produzindo poder.

Com isto em mente, nota-se contudo, que a proposta da retórica latourniana trilha caminhos um tanto diferentes daqueles oferecidos pelas observações mccloskeyanas. Latour se propõe a apresentar a retórica da ciência como um instrumento de guerra, poder, persuasão e convencimento; e McCloskey, por outro lado, explora a retórica como um meio de encorajar o bom e honesto diálogo científico²⁶ – talvez estes fossem até mesmo os nomes que os autores dariam ao elefante. Conforme Paul Lynch e Nathaniel Rivers (2015, p. 2, grifo nosso), a leitura retórica de Latour *“(...) is like remembering something we thought we always knew, like a not-quite-repressed memory edging forward in our minds (...) Latour returns us to the barnyard, teeming with nonhumans, where mud and words are flung together”*. Isto é, Latour apresenta a retórica como um adolescente mal humorado que precisa da supervisão de um adulto mais experiente (Lynch; Rivers, 2015), enquanto McCloskey, em comparação, parece ainda carregar um bebê em seu colo.²⁷

De acordo com McCloskey (1987b), o ponto central de sua abordagem é mostrar que o bom emprego da retórica deve ser feito *para o bem e por alguém* do bem, quer dizer, por um indivíduo honroso, habilidoso

²⁵ Nos tempos antigos, no período de Aristóteles, a retórica costumava ser desprezada por mover aliados externos em favor de argumentos como a paixão, as emoções, o estilo e os truques advocatícios, apenas para citar alguns (Latour, 2011, p. 91). Conforme Latour, a razão era por vezes distorcida pelos sofistas em nome da paixão e do estilo. A diferença, porém, entre aquela retórica e a proposta aqui, não é que a primeira arregimente e use aliados externos dos quais a segunda se abstém; mas de que a primeira usava poucos, e a segunda (atual) utiliza muitíssimos (2011, p. 92). Em *“Jamais fomos modernos”* (1994), Latour nos propõe um debate acerca da repartição dos poderes políticos e científicos através das ideias desenvolvidas no século XVII por Thomas Hobbes, o cientista político, e Robert Boyle, o apenas cientista (p. 21). Conforme Latour nos mostra, não é dos tempos modernos que a explicação do saber pelo poder foi desenvolvida. Hobbes, desde o começo de suas narrativas, revelava à sociedade uma estrutura na qual o conhecimento era necessário para sustentar a ordem social – e fazia isso através da definição do cidadão artificial: O Leviatã. Ora, Para Latour (1994), portanto, a invenção do nosso mundo moderno aconteceu a tempos atrás, e a submissão dos diálogos na ciência às relações de poder, à formação de exércitos, à uma retórica persuasiva, é consequência desse movimento – *“(...) um mundo no qual a representação das coisas através do laboratório encontra-se dissociada da representação dos cidadãos através do contrato social.”* (Latour, 1994, p. 33).

²⁶ Em McCloskey vemos que o bom uso da retórica impulsiona os cientistas ao bom uso da arte e da argumentação literária, o que no fim permite uma maior comunhão e comutação de ideias, argumentos, e teorias. Em Latour, porém, o bom uso da retórica proporciona exatamente o oposto, ou seja, a desintegração das conversas na ciência em favor dos interesses únicos de grupos que detenham mais poder e que, portanto, podem transformar suas ideias em fato ou ficção.

²⁷ É importante ressaltar que não é um demérito à evidente genialidade das obras de McCloskey. Muito pelo contrário. McCloskey anseia por uma retórica ideal, que parece estar alguns passos à frente daquela cotidianamente praticada. Isto é, ela busca uma retórica evoluída, mas encontra uma retórica que ainda não atingiu maturidade suficiente. Assim, se precisássemos eleger alguém, observamos que talvez seja demérito daqueles que fazem uso instrumental da retórica da ciência, ou seja, os pesquisadores e estudiosos da ciência que parecem ainda não corresponder às expectativas que interpretamos nas obras de Deirdre McCloskey.

em sua linguagem e bondoso – “*there are no methodological protections against speaking falsely. We cannot assure good results by mandating this or that model or metaphor. The final protection, he argued, is human goodness*” (McCloskey, 1987b, p. 254, grifo nosso).²⁸ Isto, porém, não obscurece o seu reconhecimento quanto as prováveis e inerentes relações de poder da retórica – em semelhança àquelas observadas nas ideias de Latour.²⁹ Pelo contrário, releva que *apesar* desse reconhecimento, ela não se ocupa em colocá-lo no centro do seu argumento. A exemplo disso, é possível encontrar em suas obras algumas marcas passageiras que evidenciam a sua percepção à respeito das relações de poder, como “*words have power (...)*” (1994a, p. 342, grifo nosso); “*(...) talked about the relation of rhetoric to radical thought.*” (1994a, p. 343, grifo nosso) e “*guns and lies are bad.*” (1985a, p. 294, grifo nosso) – apenas para citar algumas.

Assim, enquanto McCloskey se ocupa em mostrar a importância e o caminho a ser seguido em benefício da boa ética do discurso, Latour se preocupa em explorar a noção de que as pessoas talvez estejam mais interessadas em ganhar disputas científicas do que em avançar o conhecimento. Em outras palavras – e de modo muito semelhante à análise da utilidade esperada que Daniel Kahneman e Amos Tversky fazem para a economia comportamental na Teoria da Perspectiva, em um paralelo positivo e normativo – McCloskey apresenta uma abordagem de como o mundo deveria ser (por assim dizer, uma abordagem normativa) enquanto Latour se preocupa em apresentar e abordar o mundo como ele de fato é (sendo, assim, descritiva). É como se ambos possuíssem a mesma caixa de ferramentas, da marca “retórica”, mas com instrumentos diferentes dentro. Enquanto as ferramentas de McCloskey parecem servir para consertar o bebedouro no parquinho da escola, as de Latour servem para afrouxar os freios de um tanque de guerra.³⁰

Ainda assim, apesar das aparentes diferenças, há importantes traços de convergência entre as ideias de ambos os autores e, deste modo, ler McCloskey através da ótica filosófica e sociológica de Latour pode ajudar à explorar e avançar a compreensão da retórica da ciência no campo econômico por caminhos ainda não explorados. Este será o objetivo deste tópico.³¹

Por exemplo, conforme mostramos, Latour demonstra que ideias são apenas candidatas a se tornarem fatos a depender das sentenças modalidades acrescentadas – “[*facts are not in the world but in our heads; they are by nature linguistic – no language, no facts.*” (Gross, 2006, p. 43, grifo nosso). Ou seja, imaginemos que no início que há apenas uma frase solta, livre de qualquer vínculo; em determinado momento, essa frase passa a ser falada por alguém e colocada entre aspas; a pessoa que está falando, então, começa a conversar com uma segunda pessoa sobre aquela mesma frase (que já não parece estar mais tão solta assim); conforme a conversa se acalora e fica mais animada, novas pessoas são adicionadas à conversa e os participantes começam a entrar em outros debates, como formas de arregimentar e convencer outras pessoas a também participar do grupo; curiosamente, entretanto, conforme mais pessoas participam da conversa, menos dela se discute; isto é, em certo momento, já ao final do processo, a frase que antes estava solta agora se encontra escrita em grandes livros e é tomada como “dada”, tornando-se uma ciência pronta. Para Latour, portanto, há um impulso externo à própria ciência que McCloskey também reconhece, como fica evidente nos trechos (i), (ii) e (iii) abaixo.

²⁸ O *vir bonus dicendi peritus* proposto por Quintiliano (McCloskey, 1987b, p. 254).

²⁹ Entendemos que o próprio fato de reconhecer a necessidade de adoção dos atributos positivos, aponta para o reconhecimento da existência de um impulso contrário negativo.

³⁰ Isto é, enquanto a retórica de McCloskey está preocupada em fazer amigos e disseminar o bem, a de Latour quer montar exércitos.

³¹ A critério de curiosidade, numa seção intitulada “Rhetoric as morally radical”, (1994a, p. 344-363), McCloskey apresenta um extenso diálogo com Arjo Klammer a respeito da prática científica entre os economistas dentro do campo. De acordo com McCloskey, ela e Klammer poucas vezes tiveram ideias convergentes e, principalmente no que condiz à retórica da ciência, ambos parecem ter suas ideias bem enraizadas. McCloskey, sendo uma liberal, acredita que a concorrência é o motor fundamental da economia e que os indivíduos são movidos por seus próprios interesses. Klammer, por outro lado, é um social democrata, que acredita que o poder dirige e conduz a economia enquanto as pessoas são movidas por muito mais do que seus próprios interesses. Segundo Fish (1998, p. 23), por exemplo, “*(...) big point at Klammer’s (...) came when he complained that, in the context of his seminar, there came a moment when argument meant war, and victory meant slaying the opponent.*” Há, entretanto, um ponto em que as ideias de ambos convergem: eles concordam em discordar da prática científica dos economistas – “*(...) [the] disagreement with mechanical, scientific notion of what economists do.*” (McCloskey, 1994a, p. 343). Isto é, apesar das diferenças, Klammer e McCloskey concordam que a retórica aponta e evidencia uma lacuna moral na prática da ciência econômica. Ora, considerando que apesar das diferenças, encontram-se importantes traços de convergência entre as ideias de Arjo Klammer e Deirdre McCloskey, e que a ótica de Latour parece ter algumas fortes semelhanças com as de Klammer, é prudente que, expandindo essa consonância, também encontremos convergências fundamentais ao ler McCloskey através da ótica de Latour.

- i. “Economics (...) faces the problem of deciding when a piece of history has been continuous or not.” (McCloskey, 1990, p. 18).
- ii. “The proper scientist finds the story.” (McCloskey, 1990, p. 32).
- iii. “The theory of communication that you and I share is “rhetorical,” which is to say that it recognizes that ideas change in the transmission.” (McCloskey, 1994a, p. 346).

Em outras palavras, há uma proximidade mccloskeyana à latourniana sobre o entendimento de que para uma sentença/ideia se tornar fato, ela depende da sua continuidade e complemento. Façamos, por exemplo, um exercício mais prático e tomemos em uma frase solta qualquer como (a) o modernismo está morto.³² Dependendo da direção tomada pelas sentenças adicionadas a (a), ela poderá mudar seu status para se tornar uma caixa-preta ou uma controvérsia³³ – mais do que isso, e de modo semelhante, seus leitores também poderão mudar seu status, podendo ser ou não conduzidos a trilhar caminhos e direções opostas, dependendo de quais sentenças adicionais decidirem acreditar (Latour, 2011). Por exemplo, (b) *visto que o modernismo está morto e que a metodologia oficial dos economistas é o modernismo, a economia não tem mais metodologia*; e ainda (c) *pela postura dos pensadores da ciência econômica e pela forma como as atividades são formalmente conduzidas no campo, é pouco crível que o modernismo esteja morto e, conseqüentemente, que a economia não tenha metodologia, já que é nítida a expansão e influência que continua exercendo no campo*. Imaginemos agora também uma personagem meramente ilustrativa que, ao se deparar com as três sentenças, precise tomar uma decisão. No caso, a chamaremos de Joana. Se Joana escolher acreditar no que afirma a sentença (b), (a) será, conseqüentemente, reforçada e se tornará mais fato; se, no entanto, Joana optar por acreditar na sentença (c), (a) será enfraquecida, transformando-se mais ficção.³⁴

Ou seja, este exemplo nos ajuda a compreender o que Latour (2011) nos propõe a respeito da construção dos fatos e, por assim dizer, da própria ciência: uma sentença, por si só, não pode ser nem fato nem ficção. Torna-se uma coisa ou outra *apenas* quando novas sentenças a complementam, seja amarrando-a consistentemente ou a tornando menos óbvia e menos unificada.³⁵ McCloskey também parece pensar o mesmo quando afirma que “(...) *that facts do not “say” anything unless human questions are posed to them, that the questions depend on the predispositions of the questioner, and that anyway the subset we call “The fact” (...) is our selection (...) persuades.*” (McCloskey, 1987b, p. 253) ou mesmo ao dizer que “[l]ikewise “fact” is not to be determined merely by kicking stones or knocking tables. *That a fact is a fact relative only to a conceptual scheme is no longer controversial, if it ever was. Kant knew it; so should we. Studies of science over the past few decades have shown repeatedly that facts are constructed by words.*” (McCloskey, 1994a, p. 41). Essa relação é evidente até mesmo através da distinção e disputa entre as escolas do pensamento econômico. Um neoclássico, normalmente, terá alguma explicação ou história diferente de um keynesiano, por exemplo, e vice-versa – eles buscarão acrescentar um complemento que considerem mais adequado para tornar fato ou ficção, o que é uma extensão do argumento da comunicação conjunta que vimos através de McCloskey no início do tópico dois, onde abordamos sua retórica. Os exemplos (iv) e (v) abaixo nos ajudam nessa compreensão.

³² “(...) *wait a minute. (...) [In this case] the modernist schoolmasters so long in charge of our intellectual life would reply crossly that it is my analysis that is the fantasy and fiction. The proper scientist finds the story. No fiction about it.*” (McCloskey, 1990, p. 32).

³³ Ou, de acordo com Latour (2011, p. 33), “(...) *uma robusta certeza intemporal ou uma dessas ficções de vida curta que aparecem nos trabalhos de laboratório (...) uma afirmação vazia a partir da qual nada se pode concluir.*”

³⁴ Conforme Latour (2011, p. 35, grifo nosso), Joana “(...) *[irá] torná-las menos fato se as levar de volta para o lugar de onde partiram, para a boca e as mãos de quem quer que as tenha construído, ou as tornará mais fato se for usada para se chegar a outro objetivo mais incerto.*”

³⁵ Apesar da clareza e simplicidade proposta pelo nosso exemplo, na prática as direções não estão tão visíveis – se estivessem, os debates seriam encerrados rapidamente. Conforme Latour (2011), o problema é que as intersecções nunca são assim tão claras e evidentes quanto aparentam. Optamos no exercício prático deste trabalho, por inserir apenas duas modalidades adicionais, ou seja, apenas dois caminhos distintos a serem escolhidos e trilhados, (a) e (b), mas poderíamos ir muito mais longe, adensando e complicando as interpretações com novas sentenças em uma quantidade indefinida (n). Ainda segundo Latour, a complexidade por vezes é tanta, que Joana e outros leitores talvez já não saibam mais ao certo o que deverão escolher ou para onde deverão ir: “(...) *a determinação aumenta, mas a incerteza também! Bem depressa a controvérsia se torna tão complexa quanto a corrida armamentista: mísseis (argumentos) têm a posição de mísseis antibalísticos (contra-argumentos), que, por sua vez, são contra-atacados por outras armas mais aperfeiçoadas (argumentos).*” (2011, p. 38).

- iv. *“Any descendant of Adam Smith, left or right, by way of Marx or Marshall or Menger, will be happy to tell you a better story.”* (McCloskey, 1990, p. 27).
- v. *“I admire Samuelson’s contributions to economics, and Lucas’, too. It’s their students and the their students and now their students to the third and fourth degree who have wandered away from the Good Old truths. After all, Samuelson (...) was as I’ve noted an undergraduate at Chicago long ago, and Lucas shifted (at David Landes’ urging) from graduate work in the History Department at Berkeley to get his Ph.D. in economics from Chicago, under the old dispensation.”* (McCloskey, 1994a, p. 357).

Ora, notamos, deste modo, que McCloskey deixa rastros de uma concordância com Latour de que os fatos estão sempre lá, que são parte essencial da ciência e que são socialmente construídos – apesar de não serem reduzidos ao social uma vez que são nutridos de objetos mobilizados para sua construção (Latour, 1994, p. 12). Conforme os trechos (vi) e (vii), para McCloskey, os fatos também devem fazer parte da retórica, uma vez que ela é um meio de atribuir ainda mais força à ciência e a racionalidade.³⁶

- vi. *“Thinking of science as also involving stories and metaphors does not require skepticism about facts. The facts are there, killing the story or giving it life.”* (McCloskey, 1990, p. 83).
- vii. *“The facts and the logic matter (...) but they are part of the rhetoric, depending themselves on the giving of good reasons”* (McCloskey, 1987a, p. 174).

Nesse sentido é que reforçamos a compreensão de que McCloskey também compreende que o uso da retórica pode ser, por vezes, autoritário e radical – ultrapassando os limites de um simples debate bondoso e assemelhando-se a uma busca desenfreada por prestígio e vitória. Ou seja, assim como podemos ver abaixo nos trechos (viii), (ix), (x) e (xi), McCloskey reconhece que a retórica é um meio de reter audiências, formar exércitos, fazer com que um grupo de pessoas creia em determinado conjunto de ideias e pressupostos, disseminando-o, mantendo-o vivo, tornando-o fato – o que é, basicamente, um argumento latourniano.

- viii. *“The argument here is from authority. (...) The misuse of statistical significance is profitable. As long as the editors publish articles that misuse statistical significance I’m going to keep submitting them. I’ve a career to run.”* (McCloskey, 1989, p. 63).
- ix. *“Mary K. Farmer has pointed (...) “of doing what all economists agree we should be doing, but doing it more wholeheartedly” (Farmer 1992, p. 107) is a stylistic argument from authority, the authority of the tribe, Our Crowd.”* (McCloskey, 1994a, p. 111).
- x. *“Classicaly and properly, to repeat, rhetoric is critical inquiry (...) it limits the historian in what sorts of evidence and what sorts of logical appeal she can make if she wishes to retain an audience. And economic history has rhetoric, too.”* (McCloskey, 1998, p. 74).
- xi. *The persuasion has to be good. I am a pacifist as well as an anarchist. Cato said that the rhetor must be vir bonus dicendi peritus, the good man skilled at speaking. Guns and lies are bad.”* (McCloskey, 1985a, p. 294).

Da mesma forma, Latour entende que a própria produção da ciência é uma meio dos pesquisadores conquistarem poder e notoriedade, e qualquer sacrifício nesse percurso é módico. Por exemplo, ao pensar em um veículo retórico, como o artigo científico, Latour (2011) mostra que quando uma disputa oral fica muito acalorada, os discordantes buscam fazer alusão ao que outras pessoas já escreveram ou produziram, por exemplo. É como se imaginássemos que Joana, ao retomar uma antiga discussão, não tivesse recursos suficientes para suportar sozinha sua argumentação até o final e, portanto, necessitasse resgatar outros artifícios externos já validados. Deste modo, considera-se que a opinião individual de Joana poderia ser inteiramente desconsiderada, mas a opinião que ela coletou, por exemplo em um texto já publicado, não. Uma revista, um autor vencedor do prêmio Nobel, instituições financiadoras, coautores prestigiados, textos polêmicos ou muito citados. Ora, Joana só passa a ser levada a sério porque não está mais sozinha: o debate já não diz mais respeito somente a ela, mas a todos que a acompanham – a *“Sra. Fulana de Tal transformou-se em Sra. Fulana de*

³⁶ *“From the point of view of rhetoric, the truths of science are not beyond argument (...) they are achievements of argument; science rests on facts and theories that have been argued into place.”* (Gross, 2006, p. 43).

Tais.” (Latour, 2011, p. 46, grifo nosso).³⁷ O que Latour (2011) nos propõe, portanto, é que a ciência talvez devesse ser vista em semelhança ao argumento de autoridade, ou seja, mais próxima da ótica de que muitos vencem por terem a verdade ao seu lado – assim como Joana. O conflito entre as duas faces de Jano, portanto, fica evidente: “Uma boca diz: *Ciência é verdade que não se submete a nenhuma autoridade; a outra pergunta: quem pode ser mais forte do que mil políticos e mil filósofos?*” (Latour, 2011, p. 46, grifo nosso).³⁸ McCloskey concorda e trilha o mesmo caminho, como podemos ver através dos trechos (xii), (xiii) e (xiv), abaixo.

- xii. *“The parallel technique in science might be called “represented Reality” or “unheralded assertion” or “style indirect inevitable”. The scientist says: It is not I the scientist who make these assertions but reality itself (Nature’s words in the scientist’s mouth). Scientists pretend that Nature speaks directly, thereby effacing the evidence that they the scientists are responsible for the assertions. It’s just there. The result is similar in fiction (...) The scientist avoids being questioned for his reliability by disappearing into a third-person narrative of what really happened.”* (McCloskey, 1990, p. 33).
- xiii. *“The argument can be pushed further. An economist expositing a result creates an “authorial audience” (an imagined group of readers who know this is fiction) and at the same time a “narrative audience” (an imagined group of readers who do not know it is fiction).”* (McCloskey, 1990, p. 38).
- xiv. *“The paper took a long time to be recognized as important because it was badly written. (...) The case illustrates, by an argument from contraries, the importance of good writing in successful science. Galileo was a master of Italian prose; Poincaré, Einstein, and Keynes influenced science and society almost as much with their pens as with their mathematics.”* (McCloskey, 1998, p. 52-53).

As sentenças acima, retiradas das obras de McCloskey, são tão semelhantes e próximas as abordagens de Latour que parece que estamos lendo o seu próprio texto – e não nos surpreenderia se descobríssemos que na verdade fomos enganados e que são textos propriamente latournianos. Os trechos acima respiram Latour. Vemos sua personificação em McCloskey, relevando a proximidade narrativa dela à descrição dos exércitos dele. Isto é, McCloskey também mostra as formas pelas quais os pensadores da ciência podem manipular uma audiência, como um meio de atribuir veracidade e credibilidade às suas premissas – utilizando para isso das ferramentas da escrita, dos interesses por trás dos objetos de estudo, dos incentivos e motivações que estimulam a própria produção da ciência, por exemplo. Através da interpretação de suas ideias, é também possível compreender que os pesquisadores se abstêm dos seus próprios textos fazendo alusão a outras pessoas, isto é, colocando em seu lugar exércitos poderosos, arregimentados em dezenas de milhares de amigos, como ganhadores do prêmio Nobel e instituições financiadoras, que falam para além do próprio texto – assim como Latour, “(...) quando MacKenzie perscruta a evolução do giroscópio, está falando sobre agenciamentos que podem matar a todos (...) quando descrevo a domesticação dos micróbios por Pasteur, mobilizo a sociedade do século XIX, e não apenas a semiótica dos textos de um grande homem, quando descrevo a invenção-descoberta dos peptídeos do cérebro, falo realmente dos peptídeos em si, e não de sua representação no laboratório do professor Guillemin.” (1994, p. 10). Não se trata apenas de retórica, mas de uma conexão entre ciência, retórica, natureza das coisas, contexto social e persuasão – “[e]conomic scientists, then, persuade with many devices, and as rhetoricians have an audience. They do not speak into the void: the rhetorical character of science makes it characteristically social. (...) The final product of science, the scientific article, is a performance of a certain sort, often disingenuously so. In economics, certainly, it is no more separated from other literary forms by epistemology than the pastoral poem is from the epic.” (McCloskey, 1984, p. 109).

Assim, há uma cultura social influenciando os pesquisadores e suas ciências, tornando-se uma cultura científica, um manual de boas práticas. É essa cultura que Latour acredita ser responsável por determinar o lado quente da prática científica: que gera publicações, que repercute nos periódicos, que recebe investimentos

³⁷ Conforme Latour (2011, p. 46), “(...) [a] recorrência a aliados superiores e mais numerosos muitas vezes é chamada argumento de autoridade. É ridicularizado tanto por filósofos como por cientistas, porque cria uma maioria com propósito de impressionar o adversário mesmo que ele possa estar certo”. Ora, para duvidar da opinião de Joana, basta apenas o discordante dar de ombros. Mas e quando ela não está mais sozinha? “Como dar de ombros para dezenas de pessoas cuja honestidade, (...) discernimento e (...) trabalho é preciso menoscabar antes de contestar a alegação?” (Latour, 2011, p. 47-48, grifo nosso).

³⁸ Do lado esquerdo a retórica se opõe a ciência de modo semelhante a como a autoridade se opõe a razão; no entanto, no lado direito, afirma que a ciência é uma retórica suficientemente poderosa e pode fazer com que um homem seja capaz de vencer milhares de outras autoridades (Latour, 2011, p. 47).

e financiamentos. Assim, ser “científico” se torna quase um sinônimo de ser “interessante”, ou seja, ser aquilo que está quente e que faz parte do interesse dos exércitos mais fortes e poderosos. Conforme Latour, (...) *the qualifications of “It is scientific?” scientists often add the query: “May be so, but is it interesting?” (...)* ‘Boring’, ‘repetitive’, ‘redundant’, ‘inelegant’, ‘simply accurate’, ‘sterile’, *all are adjectives that designate a bad articulation* (2004d, p. 10). Para McCloskey a percepção parece ser a mesma: na produção de um artigo científico, por exemplo, o pesquisador pode ajustar os dados até torná-lo publicável: “[Like] *The best way to see the point is to suppose that you really do know the coefficient. For sure. God has told you, with no nonsense about confidence intervals. Sampling error is zero. The t-statistic is infinite.*” (1989, p. 61, grifo nosso). Ora, para ela, os artigos são locais de persuasão (1994a). Abaixo, os trechos (xv), (xvi) e (xvii) mostram isso.

- xv. *“[He loosens his tie, sweat dripping from his nose] (...) there’s nothing else to do. I want to use statistical procedures. What do you propose to substitute? How will I fill up my days? Fill them up with statistical consider to be a large coefficient and then see if your data show it (...) He is shaking uncontrollably and his palms are wet. This is an unhappy would-be scientist. (...) Well, to hell with you, then. The misuse of statistical significance is profitable. As long as the editors publish articles that misuse statistical significance I’m going to keep submitting them. I’ve a career to run.”* (McCloskey, 1989, p. 63)
- xvi. *“The parallel technique in science might be called “represented reality” or “unheralded assertion” or “style indirect inevitable.” The scientist says, It is not I the scientist who make the assertions but reality itself (Nature’s words in the scientist’s mouth).”* (McCloskey, 1998, p. 9).
- xvii. *“The scientist says: It is not I the scientist who make these assertions but reality itself (Nature’s words in the scientist’s mouth). Scientists pretend that Nature speaks directly, thereby effacing the evidence that they the scientists are responsible for the assertions. It’s just there.”* (McCloskey, 1990, p. 33).
- xviii. *“The linguistic fact makes anyway the main point here: that a language and the culture it bears will affect a science.”* (McCloskey, 1989, p. 58).

De modo geral, ao fazermos essas aproximações entre McCloskey e Latour, podemos perceber que o que esse ganha em conteúdo abertamente crítico, talvez até belicosamente provocativo, aquela talvez perca um pouco em profundidade através de uma argumentação um tanto mais cautelosa. McCloskey compartilha de ideias muito semelhantes à Latour, mas que por vezes ficam implícitas em seus textos – parece que seu otimismo com relação a ciência cinge alguns limites ao avanço de argumentações que poderiam beneficiar ainda mais o campo da ciência econômica. Será que há exércitos poderosos ao entorno de McCloskey? E quanto a Latour?

5. Para além deles

As citações apresentadas no tópico anterior são apenas alguns poucos exemplos da proximidade teórica das abordagens de Deirdre McCloskey às perspectivas conceituais de Bruno Latour. Ao fazer o exercício de lê-la pela ótica dele, entretanto, é importante ter em mente que seus objetos de estudo são diferentes: McCloskey aplica o instrumental retórico às ciências sociais, enquanto Latour o analisa com base no campo da ciência e tecnologia (por assim dizer, da tecnociência). Assim, quando Latour nos apresenta uma retórica por vezes perniciososa ao avanço do conhecimento científico, responsável por instituir caixas-pretas e encerrar debates concernentes às ciências prontas, sejam elas mais fato ou ficção, ele pensa em cientistas vestidos de jaleco branco, sentados em seus laboratórios, rodeados de béqueres, balanças de medição e tubos de ensaio. McCloskey, contudo, aborda uma retórica aplicada a pensadores das ciências sociais.

Diante das discussões apresentadas, entendemos que limitar a ciência econômica a apenas uma ou outra ideia é pouco oportuno. Entendemos que o debate retórico talvez não seja tão paz-e-amor quanto McCloskey nos propõe, mas talvez seja mais fácil ressuscitar cadáveres nas ciências sociais do que no campo da tecnociência. Em outras palavras, teorias que antes já foram consideradas ficção, hoje podem ser amplamente aceitas como fatos científicos ao reavivar discussões (e vice-versa).³⁹ Ora, se ao falarmos de economia falamos

³⁹ *“A successful scholar and scientist above all engages in argument (...)”* (McCloskey, 1990, p. 74). A excessiva formalidade das discussões e, conseqüentemente, a ausência de argumentações e debates impõe limites ao avanço do conhecimento científico.

de uma ciência social, será que é tão simples separar fato e ficção no campo? O que distingue uma retórica boa de uma ruim?

Pensemos, por enquanto, no primeiro questionamento. Para isso, pensemos na ciência econômica e no seu conjunto de escolas de pensamento, ideias e modelos. Pensemos, também, nas teorias que antes já foram consideradas fato e hoje são consideradas ficção, ou que eram ficção e hoje são consideradas fato. Pensemos em um caso real como Hyman Minsky (1919-1996), por exemplo. Até a eclosão da crise de 2008, as ideias de Minsky sobre a desregulamentação financeira eram consideradas ficção. Com a crise, a fragilidade e a instabilidade do sistema ficaram expostas e uma corrida em busca de novas ideias para compreender e solucionar o problema trouxe o autor de volta ao debate. Ora, Minsky, e de modo geral os pós-keynesianos, se tornaram essenciais, suas ideias foram adicionadas como novas modalidades, o debate se acalorou ao entorno de suas teorias: o “momento Minsky” o tornou fato. Podemos pensar ainda em outros exemplos semelhantes ao de Minsky, como através de Daniel Kahneman e Amos Tversky. A teoria da utilidade esperada, a maximização da utilidade, a racionalidade ilimitada, o neoclassicismo, o mainstream econômico. O conjunto de todos esses elementos sempre foi detentor de muito prestígio, sempre foi fato, tornando todo o resto ficção. No entanto, ao ganhar o prêmio Nobel de economia, com um questionamento em torno do abordagem do processo de tomada de decisão dos indivíduos, ou seja, um questionamento ao núcleo duro da economia, responsável por englobar todos esses elementos (numa perspectiva Lakatosiana), parece ocorrer um pequeno deslocamento do mainstream econômico antes, talvez preferencialmente, centralizado apenas na figura dos neoclássicos. Isto é, o que Thorstein Veblen e Herbert Simon (Nobel em 1978) já questionavam antes e era qualificado como uma mera ficção, com o Nobel de Kahneman e Tversky, passa a ter a validade de um fato e abre caminho para uma nova teoria econômica em meio às demais: a economia comportamental.

Certamente, como resumidamente apresentado, fica evidente que distinguir o que é fato ou ficção não é assim tão simplório. Teorias que antes já foram consideradas ficção, ao mudar suas sentenças modalidades, podem se tornar fato. Teorias que hoje são consideradas ficção por alguns, podem ser, ao mesmo tempo, consideradas fato por outros. Ou seja, o distanciamento de uma simples relação binária é cada vez maior.⁴⁰

Ora, a relação entre fato e ficção para as ciências sociais é muito mais complexa do que Latour consegue efetivamente demonstrar: parece haver uma certa pluralidade de ideias, um tanto conturbada é verdade, mas ainda assim bastante presente – o que, tomando emprestado um trecho de Latour (1994, p. 14, grifo nosso) e impondo certa adaptação, faz dessa permuta de ideias, ou seja, da oscilação entre fato e ficção, ser o mecanismo que talvez proteja o cientista da armadilha de crer “(...) *ser o único a conhecer o truque que permite ganhar sempre, justamente quando talvez [já] tenha perdido tudo*”, em outras palavras, de crer ser o único detentor da verdade e do conhecimento.

Com relação ao segundo questionamento levantado, em torno da distinção entre uma retórica boa ou ruim, de acordo com Robert Solow (1988, p. 34), nem sempre uma metáfora deve ser boa ou má, mas apenas mais ou menos *produtiva*, um meio de descobrir as coisas. A retórica não é uma mera síntese de gostos pessoais, como uma preferência por sorvete de chocolate. Conforme McCloskey (1990, p. 66), a retórica também diz respeito a descoberta de novos e antigos argumentos que devem ser levados a sério – “*Serious economists do not assume a can opener. They feel around in the historical drawer until they find it.*” (1990, p. 69). O que também não quer dizer que só argumentos de peso são importantes. Em verdade, e talvez possamos entender que até mesmo por definição, todo argumento é de peso, já que o próprio fato de ser reconhecido como argumento é uma conquista que lhe atribui certo peso “*all arguments are always weighing in, and that's quite diferente (...) the weighing is not a rational act after the fact; the weighing is content of the so-called*

⁴⁰ Vejamos o trecho a seguir: “McCloskey: *We neoclassicals have no objection to others ways of thinking, such as the anthropological. But let the anthropologists do it. / Klamer: And then don't trade? Neoclassicals don't follow their own principle of intellectual trade (...) Neoclassical thinking is hegemonic in American economics, but even within the neoclassical camp there is a massive miscommunication. James Tobin and Robert Lucas taken alone are reasonable men, but they cannot talk reasonably with each other (...) Just try talking first with Harvard graduate students and then with Chicago graduate students (...) you know then that it is like moving from one intellectual universe to another (...) such differences are no trivial. / McCloskey: The best way for a professor to raise a laugh at Harvard in the 1960s was to mention the name of Milton Friedman (...) But it turned out that the best way to raise a laugh at Chicago in the 1960s and 1970s was to mention J.K. Galbraith, or Joan Robinson; just to mention.*” (McCloskey, 1994a, p. 344-345).

conversation itself. That's preliminary.” (Fish, 1988, p. 24, grifo nosso). Isto é, a retórica da economia deve ir além do simples estímulo da persuasão, agregando com mais zelo outros sinais importantes, que a ajudem a exercer o seu bom trabalho, como os fatos e a lógica argumentativa.

Os fatos, é claro, por vezes restringem uma história ou ideia – o peixe na história do pescador, por exemplo, era um salmão ou uma piranha, e nada além disso (McCloskey, 1990, p. 83) – mas, pensar na ciência em um formato literário, com histórias e metáforas, não requer que ela se isente ou seja cética com relação aos fatos.⁴¹ Assim como a lógica, os fatos estão lá. Não dá para ignorá-los. Fatos e lógica criticam a história, enquanto as metáforas as vezes apenas a contradizem. Críticas constroem, contradições enfraquecem.

De modo geral, o que se pode entender é que os valores afirmados pela retórica da ciência não são todos ruins, mas, certamente, também não são todos bons. Tanto as críticas como os louvores devem ser cautelosos. Tanto a aproximação da ciência de McCloskey quanto de Latour deve ser cuidadosa – devemos checar a temperatura da água antes de pular em uma piscina que pode estar por deveras gelada.

Na terceira parte deste trabalho, por exemplo, expusemos a crítica de McCloskey em relação a metodologia da economia e a sua sugestão de que a retórica talvez seja uma oportunidade de substituir a figura irreal do *homo economicus* por algo mais real, como a figura da Madame Emma Bovary. Ora, conforme Philip Mirowski (1988, p. 141-142), a construção da senhora Bovary por Gustave Flaubert é tão inconstante e escorregadia, que ora ela tem olhos castanhos, em outros momentos preto, e algumas vezes até azuis. De acordo com Stanley Fish (1988, p. 22), que se propõe a analisar a perspectiva mccloskeyanas a partir de uma ótica externa ao campo econômico, McCloskey também sustenta parte de seus argumentos sob a ideia de que a retórica é importante por ser um meio de sensibilizar os indivíduos. Para Fish (1988), contudo, tudo pode ser um meio de sensibilizar – não o tempo todo e nem sempre do mesmo modo, claro. Assim, apesar da afirmação de McCloskey, nenhum elemento é capaz de alcançar a excelência de sensibilizar por completo, mesmo quando mais persuasivo do que outros – ou seja, nem a retórica, a filosofia, a literatura ou a matemática.⁴²

De modo ainda semelhante, conforme Olga Amsterdamska (1990), se todas as construções teóricas de Latour fossem por certo adotadas, talvez suas ideias devessem ser evitadas e ignoradas – afinal, poderiam ser apenas breves armadilhas em um jogo impiedoso por poder. Precisaríamos considerar melhor o que ele está fazendo para enfraquecer seus inimigos, para proteger e defender seus aliados e seus exércitos, para tencionar seus inimigos a lutarem entre si. Mas este não é ponto. Na verdade, assim como McCloskey, Latour está tentando entender o que é a ciência, o que está por trás das suas motivações e como ela efetivamente funciona; não está buscando ganhar guerras, estabelecer seu próprio domínio ou se mostrar mais poderoso que os demais pesquisadores. Ao tentar desmistificar a ciência, Latour o faz abertamente, como um observador leigo que está provando do seu primeiro contato com a produção científica, com os artigos acadêmicos, com o ambiente dos laboratórios: isento de vícios e malícia – “(...) *the bewildered layman becomes a rhetorical anthropologist whose questioning, undistorted by received views and prejudices, will allow us, the readers, to grasp the underlying principles of science* (Amsterdamska, 1990, p. 495).

Neste sentido, ao demonstrar neste trabalho que a retórica é parte necessária da atividade científica e que desenvolver uma ciência que prescindia dela é uma quimera, consideramos que ela é algo imprescindível. Entretanto, dizer simplesmente que todas as conversas são retóricas, embora verdade, não diz muito sobre determinada afirmação – é necessário que ela seja confrontada contra suas objeções (Fish, 1998). Talvez este seja o grande fracasso da retórica: sua falha em definir sobre o que são as “conversas” (Heilbroner, 1988, p. 40). Por isso a importância de convergir as ideias de ambos os autores. Entendemos haver um ganho à ciência

⁴¹ Conforme McCloskey (1990, p. 83, grifo nosso), “[t]he philosophically inclined need not at this point commence kicking stones and pounding tables to show that facts are facts and therefore all we need. (...) The facts are there, killing the story or giving it life. The story is made by people, the facts are made by God; but of course we need both to make sense. It is like fishing. We humans make the lures to catch the fish in the lake, but the fish are there by God's command, "really" there. We can believe trustingly that the fish are there even when our backs are turned, yet still admit that the design of the lures is a human job. Or we can believe skeptically that the fish are after all themselves fish by human construction (is a guppy a fish?), yet admit that the world's best lure trailed through a lake without something we call fish would not catch any.”

⁴² Conforme Fish (1988, p. 22), “(...) it might be the case that you have a discipline so fed up with the conversation (...) that things have become stultified, uninteresting, even boring, and what you really want to do is shake it up. So you start doing things in an effort to “goose” the tired intellects of your fellows, and then you say you’ve sensitized them.”

econômica ao ler McCloskey através das lentes de Latour – ele nos ajuda e aprofundar o entendimento em torno das conversas do campo econômico. Ambos buscam desmembrar o mesmo elemento, usam apenas instrumentos diferentes para este fim. Ao unir as duas óticas, o pacote em torno da análise retórica e, por assim dizer, em torno da própria ciência, torna-se mais robusto.

Compreendemos que a retórica da ciência é, deste modo, a própria base que sustenta as relações econômicas. Ela representa as características racionais do discurso subjacentes à capacidade de persuasão que estruturam o campo, e não apenas a mera busca pela maximização dos cálculos econômicos (Heilbroner, 1988, p. 38). Isto é, os economistas passam grande parte do seu tempo contando (e recontando) histórias e convencendo outros através delas – histórias essas que são elementos retóricos.

Assim, nosso argumento último parte da noção de que da mesma forma que não dá pra fazer uma limonada com dois ovos, não dá para fazer ciência na economia sem a retórica, “(...) [it] is the rock on which the mighty edifice of economics stands.” (Heilbroner, 1988, p. 38, grifo nosso).

Ao fim deste debate, talvez seja passível de validade a compreensão de que por trás da retórica da economia, existe uma ciência da qual ela é inseparável; e por trás dessa ciência, por sua vez, existem relações que não estão assim tão claras – relações de poder em uma expressão latourniana. Ora McCloskey, não está errada em sua apresentação de uma retórica honesta e encorajadora. Na verdade, nunca esteve. Mas McCloskey ainda vive um ideal de ciência, e talvez seja essa a dificuldade encontrada para segui-la plenamente. McCloskey ainda vive e respira o retrato da ciência sobre o que deveria ser, e não sobre o que de fato é – “Klamer: (...) Like Habermas you [McCloskey] project the image of an ideal speech community; but unlike Habermas you seem to suggest we already live in it, or at least close by.” (McCloskey, 1994a, p. 348, grifo nosso). O que Latour nos mostrou é exatamente o contrário. Ele complementa McCloskey ao mostrar que, infelizmente, ainda não chegamos ao ideal porque a ciência ainda é contaminada por certos aspectos e conceitos hegemônicos, dominantes, que atribuem poder, que limitam a sua boa e honesta condução. Talvez esse seja o ponto. Na verdade, podemos entender que é. A convergência das ideais latournianas e mccloskeyanas nos leva a compreender que, antes de vivermos o ideal de ciência de Deirdre McCloskey, é necessário vivenciar, ultrapassar e superar os percalços de uma ciência *a lá* Bruno Latour.

Espera-se que alguns pequenos passos em avanço à discussão da retórica e, por assim dizer da ciência, tenham sido efetivamente dados neste trabalho. Já sabíamos que o elefante estava na sala e tentamos desmistificar o *tabu* em torno do seu nome. Sabemos também que chamá-lo apenas de, por exemplo, “Bob Discutidor”, “Bob Dialético” ou “Bob Honesto” – apesar de Bob ser suficientemente convidativo ao debate – não diz muito sobre sua personalidade e intenção. Mas, infelizmente, ainda não é possível atribuir um nome específico a ele, há certas limitações que nos impedem de o fazer. Além disso, ao longo deste estudo, encontramos muitos possíveis nomes através das ideias de McCloskey e Latour. Talvez, provisoriamente, ele poderia ser chamado de Poder. Aliás, Bob Poderoso, é claro. Pois bem, entramos na sala em que Bob Poderoso estava e levamos Latour. Agora temos um conjunto de novas motivações e ideias. Podemos, portanto, seguir McCloskey e Latour pelo caminho tortuoso, arenoso, quebradiço e enlameado que nos leva a adentrar o íntimo dos laboratórios da ciência econômica, nos locais onde a ciência começa efetivamente a ser produzida.

“As (...) [an] advertisement of a Hollywood film proclaimed, “Everything is suspect.. Everyone is for sale...And nothing is what it seems.”” (Latour, 2004a, p. 230, grifo nosso).

6. Conclusão

Neste texto iniciamos o debate reconhecendo que há um elefante na sala, e que é importante darmos um nome a ele. Neste sentido, apresentamos duas importantes, e aparentemente opostas, abordagens retóricas e oferecemos elementos de conversão entre elas – abrindo espaço para o avanço de outras discussões dentro do campo econômico. Por um lado, expomos a importante ótica da economista Deirdre N. McCloskey, também considerada mais próxima ao campo social da ciência econômica, na qual a retórica da ciência é abordada de uma maneira normativa, expondo em teoria uma situação prática ideal. Por outro lado, tomamos a liberdade de analisar a retórica da ciência econômica pela perspectiva técnica e científica do sociólogo, antropólogo e

filósofo Bruno Latour, que nos expõe seus argumentos retóricos sob uma perspectiva descritiva, levando em conta a necessidade de analisar o campo científico e a construção da ciência como eles de fato são.

As exposições de ambas as abordagens levaram a compreensão de que, ao mesmo tempo que as narrativas apresentam caminhos divergentes, elas possuem pontos focais de ideias bastante convergentes e complementares. No caso de McCloskey, através de uma proposta antimodernista, ela apresenta sua perspectiva retórica como um sendo um instrumento bom, manuseado por pessoas boas como bons estudiosos da ciência, com o intuito de expandir o diálogo, as relações internas e o conhecimento do campo. A perspectiva de Latour, porém, apresenta a retórica como uma ferramenta de poder, através da qual os indivíduos conseguem persuadir e convencer uns aos outros por meio da força argumentativa. Isto é, enquanto McCloskey se propõe a apresentar uma retórica que aproxima os participantes do campo, Latour oferece uma abordagem que divide o campo em exércitos.

Apesar da aparente polaridade de ideias entre os autores, também foi possível apresentar alguns importantes pontos de convergências de suas abordagens. Observamos que apesar da busca pela retórica honesta, McCloskey também reconhece a presença das relações de poder. Por isso, ao realizarmos a leitura de sua abordagem pela ótica latourniana exploramos formas não convencionais de entender o papel da abordagem retórica na economia, a importância da interação fato e ficção, e a presença das relações de poder. A leitura de outros autores também impulsionou o debate por caminhos que questionavam alguns princípios de ambos os autores e suas possíveis limitações. Por fim, ressaltamos que este trabalho não tem a intenção de esgotar as discussões a respeito da temática abordada mas, tão somente, oferecer elementos que permitam compreendê-la de uma forma diferente. Embora seja uma discussão importante, a sua profundidade permite que apenas alguns pequenos passos iniciais pudessem ser dados para sua fundamentação neste artigo.

Bibliografia

- ALDRIGHI, D.; SALVIANO JR., C. A grande arte: a retórica para McCloskey. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 81-97, 1996.
- AMSTERDAMSKA, O. Book Review: Surely You Are Joking, Monsieur Latour! **Science, Technology, & Human Values**, vol. 15, v. 4, p. 495-504. 1990.
- FERNANDEZ, R. G. Retórica y Economía: argumentos a favor del pluralismo y de la conversación civilizada. In: SCARANO, Eduardo. (Org.). *Metodología de las ciencias sociales: lógica, lenguaje y racionalidad*. Buenos Aires: Ediciones Macchi, p. 283-301, 1999.
- _____.; PESSALI, H. F. Retórica e Economia: um balanço após os primeiros vinte anos. In: GANEM, A.; FREITAS, F.; MALTA, M. M. (orgs.). **Economia e filosofia: controvérsias e tendências recentes**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 173-192, 2012.
- FISH, S. Comments from outside economics. In: KLAMER, A.; MCCLOSKEY, D. N.; SOLOW, R. M. (eds.). **The Consequences of Economic Rhetoric**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 21-30, 1988.
- GROSS, A. G. **Starring the text: The place of rhetoric in science studies**. Carbondale, IL: Southern Illinois University Press, 2006.
- HARMAN, G. Introduction. In: HARMAN, G. (ed.). **Prince of networks: Bruno Latour and metaphysics**. Melbourne, Australia: re.press, p. 3-5, 2009.
- _____. Irreductions. In: HARMAN, G. (ed.). **Prince of networks: Bruno Latour and metaphysics**. Melbourne, Australia: re.press, p. 11-32, 2009.
- HEILBRONER, R. Rhetoric and ideology. In: KLAMER, A.; MCCLOSKEY, D. N.; SOLOW, R. M. (eds.). **The Consequences of Economic Rhetoric**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 38-43, 1988.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- _____. **A Esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2001.
- _____. Why has critique run out of steam? From matters of fact to matters of concern. **Critical inquiry**, v. 30, n. 2, p. 225-248, 2004a.
- _____. Por uma antropologia do centro. **Mana**, v. 10, n. 2, p. 397-413, 2004b.

- _____. How to talk about the body? The normative dimension of science studies. **Body & Society**, v. 10, n. 2-3, p. 205-229, 2004d.
- _____. **Ciência em Ação**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- LYNCH, P.; RIVERS, N. Introduction: Do You Believe in Rhetoric and Composition? In: LYNCH, P.; RIVERS, N. (eds.). **Thinking with Bruno Latour in Rhetoric and Composition**. Illinois: Southern Illinois University Press, p. 1-19, 2015.
- MÄKI, U. Diagnosing McCloskey. **Journal of Economic Literature**, v. 33, n. 3, p. 1300-1318, 1995.
- MCCLOSKEY, D. N. Does the past have useful economics? **Journal of Economic literature**, v. 14, n. 2, p. 434-461, 1976.
- _____. The Rhetoric of Economics. **Journal of Economic Literature**, v. 21, n. 2, p. 481-517, 1983.
- _____. The literary character of economics. **Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Science**, p. 97-119, 1984.
- _____. A conversation with Donald N. McCloskey about rhetoric. **Eastern Economic Journal**, v. 11, n. 4, p. 293-296, 1985a.
- _____. Economics as an historical science. In: PARKER, W. N. (ed.). **Economic history and the modern economist**. Oxford | New York: Blackwell, p. 64-69, 1986.
- _____. Rhetoric. In: Eatwell, J.; Milgate, M.; NEWMAN, P. (eds.). **The New Palgrave: A Dictionary of Economic Thought and Doctrine**. London: Macmillan Press Ltd., v. 4, p. 173-174, 1987a.
- _____. The Rhetoric of Economic Development: Rethinking Development Economics. **Cato Journal**, v. 7, p. 249-254, 1987b.
- _____. Towards a Rhetoric of Economics. In: WINSTON, G. C.; TEICHGRAEBER III, R. F. (eds.). **The Boundaries of Economics**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 13-29, 1988a.
- _____. Thick and Thin Methodologies in the History of Economic Thought. In: DE MARCHI, N. (ed.). **The Popperian Legacy in Economics**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 245-257, 1988b.
- _____. The Limits of Expertise: If You're So Smart, Why Ain't You Rich? **The American Scholar**, v. 57, n. 3, p. 393-406, 1988c.
- _____. Formalism in Economics, Rhetorically Speaking. **Ricerche Economiche**, v. 43, n. 1-2, p. 57-75, 1989.
- _____. **If you're so smart: The narrative of economic expertise**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- _____. **Knowledge and persuasion in economics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994a.
- _____. **The Rhetoric of Economics**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1998.
- _____. **Economical writing**. Illinois: Waveland Press, Inc., 2000.
- MIROWSKI, P. Shall I compare thee to a Minkowski-Ricardo-Leontief-Metzler Matrix of the Mosak-Hicks type?: Or, rhetoric, mathematics, and the nature of neoclassical economic theory. In: KLAMER, A.; MCCLOSKEY, D. N.; SOLOW, R. M. (eds.). **The Consequences of Economic Rhetoric**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 117-145, 1988.
- PAULANI, L. Ideias sem Lugar: Sobre a Retórica da Economia de McCloskey. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 99-114, 1996.
- _____. Economia e retórica: o capítulo brasileiro. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 1, p. 3-22, 2006.
- PRADO JR. Prefácio. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 7-10, 1996.
- _____; CASS, M. J. R. A Retórica da Economia segundo McCloskey. In: REGO, J. M. (org.). **Retórica na Economia**. São Paulo: Editora 34, p. 115-127, 1993.
- SOLOW, R. M. Comments from inside economics. In: KLAMER, A.; MCCLOSKEY, D. N.; SOLOW, R. M. (eds.). **The Consequences of Economic Rhetoric**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 31-37, 1988.